

ing. Lopes 14

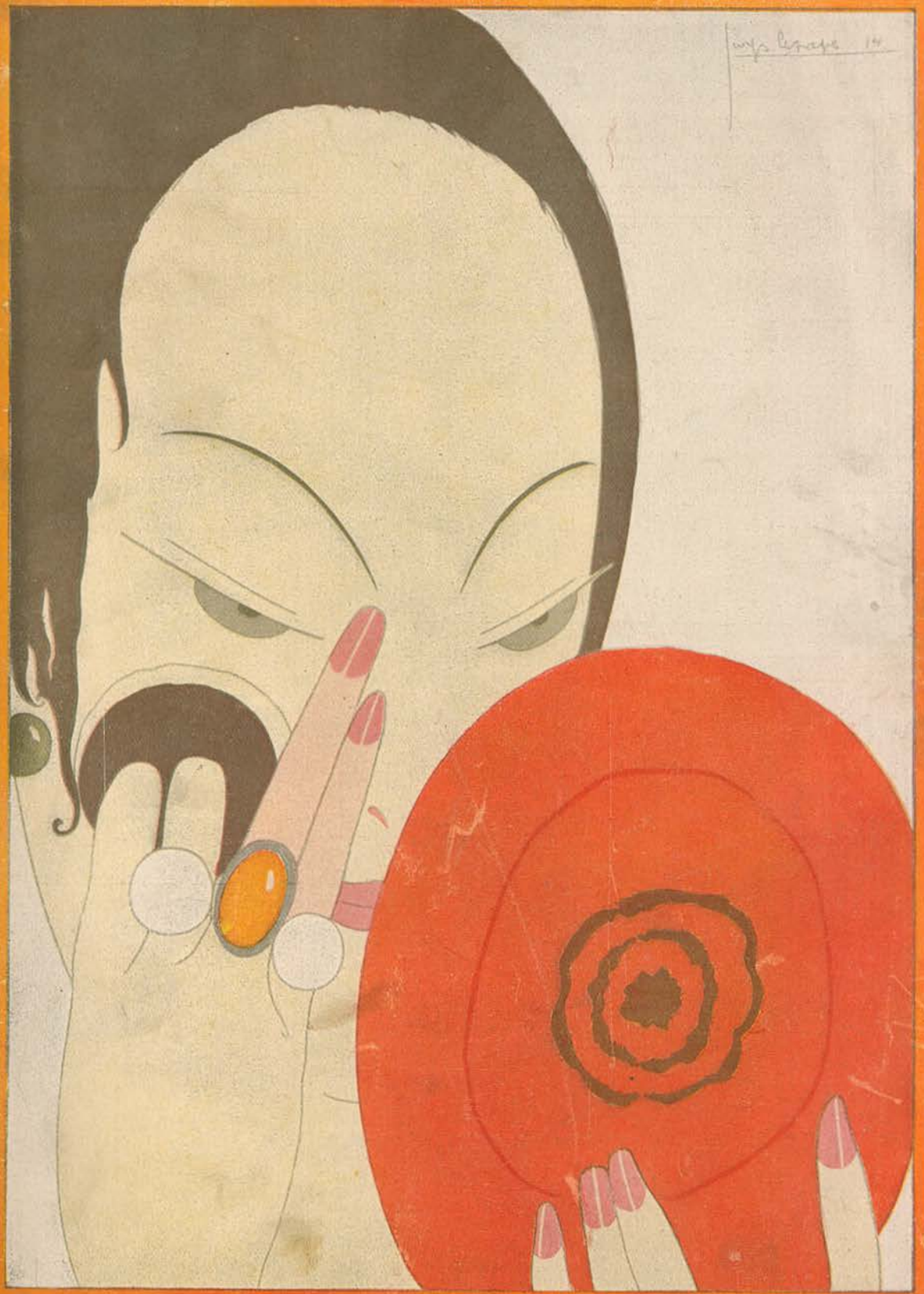


ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Director — J. J. DA SILVA GRACA
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 50 cts.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 4\$00.—Semestre 8\$00.—Ano 16\$00.
COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre—9\$50 Ano 19\$00.
ESTRANGEIRO: - semestre 14\$50 — Ano 29\$00.

Redação, administração e officinas: rua do Seculo, 43 — LISBOA

Sapataria **JANUARIO**
Fabricação de luxo em todos os generos
pelos mais chics modelos
MEIAS FINAS

78, R. de S.ª Justa, 80



ANEMIA
DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA
Todos os Medicos proclamam que
o VINHO e o XAROPE **DESCHIENS** (PARIS)
de Hemoglobina
CURAM SEMPRE

Crown Ribbon and Carbon Mfg. Co.
Machinas de escrever,
accessorios e officinas de reparações
Preços resumidissimos
Vende **J. Anão & C.ª L.ª**
R. Nova do Almada, 6. 2.ª
Telefone 2536 LISBOA

Maquinas e Acessorios Para as **INDUSTRIAS** e **AGRICULTURA**
Fedir preços, orçamentos a
C. STEFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41

UNDERWOOD

PORTATIL

LEVE — RESISTENTE — ELEGANTE

(ABERTO O ESTOJO ESTA' PROMPTA A FUNCIONAR)

AGENTES

MARIO
ANTUNES
& C.ª

TELEFONE
3066

TELEGRAMAS
UNDERWOOD



OFICINAS
PRAÇA LUIZ DE CAMÕES, 46, 47 E 48
(ESQUINA DA RUA DO MUNDO)

LISBOA

ESCRITORIO E VENDAS
RUA DO MUNDO, 1, 3, 5 E 7
(ESQUINA DA PRAÇA LUIZ DE CAMÕES)

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



D. HELENA GAMEIRO
PINTORA ILUSTRE E UMA DAS SENHORAS MAIS DISTINTAS DA NOSSA SOCIEDADE

O ELOGIO DO OUTONO

O OUTONO, estação morta, está a ser, neste ano de 1921, uma estação viva, estação que, em sua febre e movimento, lembra antes uma «gare»... O Concurso Hípico, as corridas de cavalos, o campeonato de «tennis», os desafios de «foot-ball», as festas elegantes, deslizaram, como um «film» de actualidades, cinematografando, durante algumas semanas, este país que tem sido, até agora, uma ruína ao luar...

Portugal não é um país gráfico. Portugal é um país sem «pose». Furta-se constantemente á objectiva; não sai á rua só para que não lhe tirem o retrato. Portugal é triste como uma camara escura, mas uma camara escura onde não se fazem revelações... Uma raça que não se deixa fotografar, é uma raça que desconhece a sua fisionomia, que desconhece, portanto, a sua força.

Os concursos hípicos, as corridas de cavalos, as paradas de elegancia, além de outras vantagens, tem esta: magazina a raça, obrigam-na a posar, dão-lhe uma heroicidade grafica, uma heroicidade que afronta todas as objectivas, O «magazine», de resto, é o mais belo Instituto de Beleza que se conhece, Ha mulheres feias que se fazem lindas só para se entregarem ao publico — no papel «couché» do «magazine».

Nas grandes festas sportivas, não é a força que me entusiasma, é a fragilidade das mulheres, das mulheres que são tanto mais fracas quanto mais fortes os homens se revelam... Quando um homem triunfa, ha sempre uma mulhér que é vencida. E' isso o que eu procuro nas festas de «sport», é esse o meu «sport»: olhar os homens, olhar as coisas, olhar a vida toda, através das mulheres... Nos concursos hípicos o «habit-rouge» que ganha o «Grand-Prix» é sempre um «habit-rouge» nas faces da mulher que o ama... Nas corridas de cavalos, ha olhos em «çasquettes», seguindo os cavaleiros, mulheres que se fazem de todas as côres, mulheres que se fazem verdes, que se fazem vermelhas, que se fazem azues, que se fazem amarelas, que se fazem das côres do «jockey» que lhe corre nas veias... Nos campeonatos de «tennis», o coração é uma bola — de cá para lá, de lá para cá... Nos campeonatos de esgrima, ha olhos que atravessam, ha olhos atravessados, ha peitos a sangrar... A vida toda destingue numas pupilas ardentes...

Comecei esta cronica com a intenção de elogiar o Outono, elogio que, na bôca de certos poetas, costuma ser um elogio funebre... Esqueci-me a certa altura. Não tenho tintas para dar o Outono. Que querem... Quando me apanho sósinho, na planície do papel, apetece-me gritar, apetece-me encontrar o éco das minhas palavras, das minhas palavras doidas que eu gosto tanto de ouvir cantar... E, entretanto, esta cronica barulhenta escrita em pleno Outono, nada mais é do que uma folha morta...

Antonio Ferro

EM casa de «Clarinha», á hora do chá, Nas chicharas a temperatura sobe. Ha brioches em pratos de porcelana. Clarinha obriga-nos a rir continuamente. Alguem segura nas mãos, com amor, um volume bem encadernado. Olhamos a capa — «Fantaisies du Printemps», de Veva de Lima.

Uma senhora idosa que não sabe francês, quer saber o nome do livro. Amavelmente ha quem traduz:

— «Fantasias da Primavera».

E logo «Clarinha», natural, enchendo de novo as chicharas:

— «Da Prima-Veva, da Prima-Veva! E está com sorte!»

MEIA tarde, Claridade baça. O Senhor Candido de Figueiredo é interpelado na rua por um amigo:

— «Diga-me, meu caro doutor. Deve dizer-se «paralaxe» ou «paralache»?

Imediatamente Candido de Figueiredo respondeu: — Deve dizer-se paralaxe. O «x», no fim das palavras, tem sempre o valor de «ese». E' da «praxe».

A um canto da Bénard, ao fim da tarde. Os bolos das vitrines desaparecem a olhos vistos. O creado serve continuamente. Uma ingleza bebe chá com leite. Duas creanças trincam brioches. Tereza Leitão de Barros, gosta muito de «claudines». Vai propositamente ao Bénard saboreá-las macias, tenras, aromaticas. Traz consigo uma amiga que tem a mesma predilecção. O creado serve os bolos. Traz apenas um dos apetecidos. — «Acabaram-se, não ha mais.» — A amiga, a amiga convidada que abusa da situação, não hesita. E Tereza Leitão de Barros, a meia voz, comenta tristemente, olhando os destroços do bolo: — «Claudine s'en va...»

*

A conversa tomou um rumo literario. A peça de Tito Arantes foi discutida. Uma mulher bonita disse mal de Antonio Ferro. Fernanda de Castro declamou versos ineditos. Um senhor bem vestido que por ter estado em Paris julga que é feio falar portuguez, perguntou-lhe a certa altura: — Como se chama o seu ultimo livro de versos?

— «Danças de Roda» — informou a poetisa.

E logo o tal senhor, muito amavel, tomando nota: — «Perfeitamente. «Danses Autour».

BANQUETES de homenagem, sessões solemnes, manifestações, são coisas que, em geral, aborrecem aqueles que pretendem obsequiar.

Uma vez, a mocidade academica resolveu prestar ruidosa homenagem ao genial Camilo, então no Hotel Durand moribundo como de costume.

Foi uma tarde de palmas, de vivas, de discursos; os estudantes retiraram-se, tendo entregado a Camilo uma corôa de loiros de veludo, com bagas doiradas. Houve talvez lagrimas nalguns olhos...

Nessa noite, Camilo recebeu a visita de Thomaz Ribeiro, que o felicitou calorosamente pela manifestação. Um silencio sepulchral lhe respondeu... Ana Placido, a um canto, fumava charuto... Vendo a corôa sobre uma cadeira, o romantico autor de D. Jaime eyclamou:

— Bravo! E trouxeram-te loiros!

Camilo, sacudindo emfim o seu mutismo, resmungou:

— Loiros!... Loiros!... Esses, não servem nem para a janéla!



Fatty

Uma tragedia na vida de Fatty, o celebre comico

FATTY, o comico celebre, é acusado de ter assassinado, num quarto de hotel, a actriz Virginia Rappe. Correm as mais desencontradas versões sobre este misterioso crime. Ha quem acuse Fatty dum crime premeditado, ha quem pretenda desculpá-lo com o seu estado de embriaguez, ha quem negue, terminantemente, que Fatty fosse capaz dum crime tão repugnante. Entre estes ultimos está Charlot. Entretanto, os cinemas ingleses exilam



Fatty numa scena dum dos seus «films» mais conhecidos. ---



Virginia Rappe, a artista assassinada

dos seus programas os «films» de Fatty. Se houve crime, o que teria levado o celebre comico a ser o interprete maior duma tragedia que está fora do seu genero? Alcool, amor, sadismo? Crêmos que não. Fatty cansou-se de fazer rir, cansou-se de não ser tomado a serio!... Matou sinceramente, matou para deixar de ser comico. Mas é tal a tragedia deste homem, tem tão pouca sorte, que apesar de não poder haver duvidas sobre o seu crime, ainda ha quem sustente, ainda ha quem afirme que o comico Fatty era incapaz duma tragedia tal. Perante esta incredulidade, Fatty só tem uma soluçao para convencer o mundo de que é capaz dum crime: dar um tiro na cabeça.

A ENTREVISTA

DA SEMANA



SIR Ernest Shackleton

A "Ilustração Portuguesa" entrevista Sir Ernest Shackleton, o audacioso explorador

A visita desta semana é, pelo menos, inédita. Digam o que disserem ninguém se aventurou a visitar, como nós, arriscando um tempo muito problematicamente ganho, o barco heroico em que Mr. Shackleton vae tentar pela 5.ª vez aproximar-se da região polar.

E' que se o leitor soubesse a série de obstáculos que é preciso vencer para atingir o barco inglês, não hesitaria em concluir que nesta propria entrevista ha já o quer que seja de audaciosamente expedicionario, de vaivamente heroico como a mesma heroica «Antartic-Expedition»...

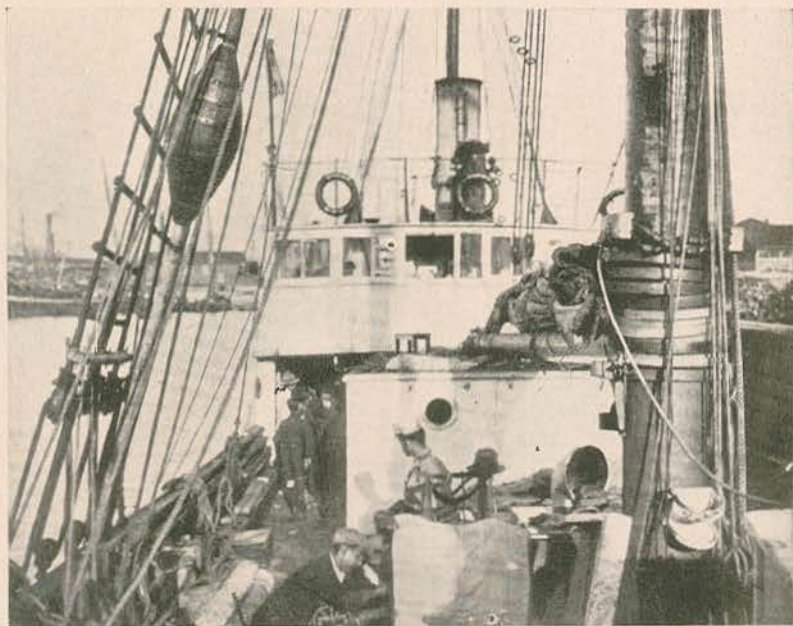
O «Quest» entrou no porto de Lisboa como certas mulheres que vão a Paris retocar-se. Tinha as rugas do convéz escancaradas—veio maquilha-las a estopa e alcatrão: uma questão de «toilette», puramente. O «Quest» é um barco pequeno, de 125 toneladas e 21 homens.

Nada o tornaria notavel se não adejasse sobre ele a aza dum sonho nebuloso e vago de conquista, a ancia eterna e humana do «mais além»...

O «Quest» tem tudo dentro, tudo quanto é preciso para fazer uma viagem grande, muito grande, para fazer até a viagem eterna... O «Quest» tem, além de tudo, um capitão que é

uma psic'ogia curiosa e estranha: Mr. Shackleton.

Quando pedi a Mr. Shackleton que posasse para a «Ilustração», o velho oficial inglês, correcto e indiferente, acedeu, sem que o me-



A bordo do «Quest»

(«Chêês» Garcez)

nor lampejo de vaidade, de alegria ou de interesse lhe passasse no olhar — «In the other side», disse apenas, voltando-nos afim de que os «mirones» o não vissem. Mr. Shackleton é um homem sereno que profissionalisou a morte—é essa a sua carreira. Evidentemente

não póde ter as vaidades dos outros homens. Que lhe importa que o publico o conheça, quando bloqueado o «Quest» nas nevoas geladas do Polo, serenamente, fleugmaticamente, Mr. Shackleton fechar a sua ultima pagina de memorias com o ponto final duma «Browning»?

Por isso Mr. Shackleton não compôs a gravata, não sorriu á objectiva, quasi não agradeceu ao fotografo...

—Ah! a ancia de chegar, de ir mais além, de ultrapassar o desconhecido...

A sensação de ir vendo, sucessivamente, as marcações das outras viagens e chegar até onde ninguem chegou e ir mais além, mais além ainda e lançar a ultima marcação, o ultimo sinal de vida, — que fique em pleno campo, deserto, abandonado, heroico, como um sinete, como um carimbo de gloria ou de morte...



Sir Bee Mason, medico da expedição e operador cinematografico com a «Mascote» do bordo

Mas eu tinha de entrevistar Mr. Shackleton... Mas Mr. Shackleton não tinha dito nada... Mr. Shackleton sorria apenas... Eu interroguei, perguntei ao acaso qualquer coisa, o que me veio á boca:

—Mas, diga-me!... Tem a certeza de chegar ao Polo?

Mr. Shackleton voltou-se um pouco para mim.

O seu perfil fino e energico desenhava-se agora no céu sereno da doca de Alcantara:

—Sim, vou para o Polo! disse com uma luz nova no olhar e falou, falou então, como se só do Polo soubesse falar.

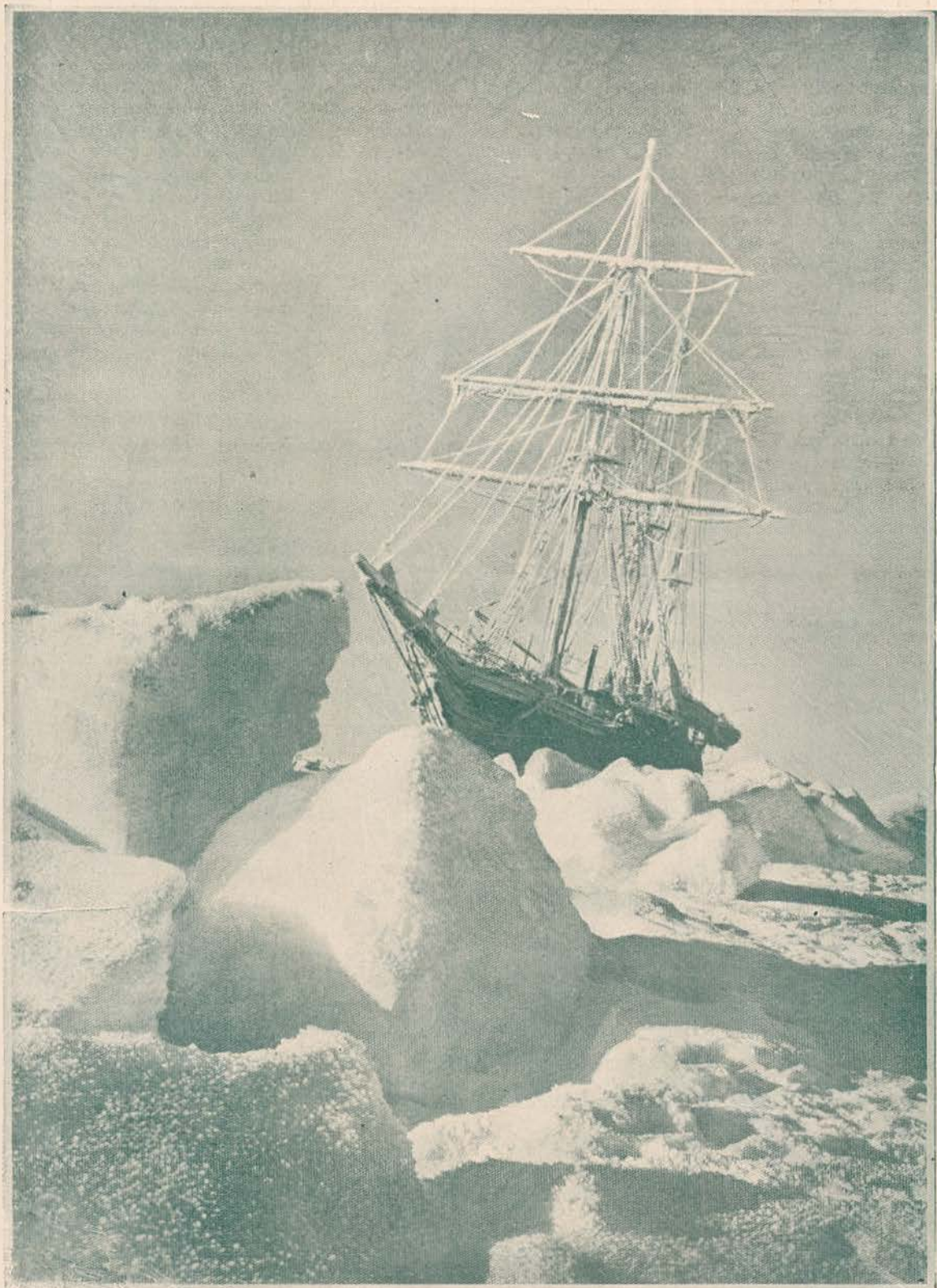
O «official kinematographer» é Mr. Bee Mason, uma outra psicologia diferente...

Para o vermos, tivemos de bater á camara escura. Abriu-se a porta e Mr. Mason surgiu sorridente, escanhoadado, oculos de aro de ouro, unhas polidas.

—Então já viu a cidade?

—Não. Saí de Inglaterra para o Polo. Só saio... no Polo...

Vae assim toda a viagem, na camara escura, prescrutando o mar peña vigia ou fazendo experiencias de «film». A camara é um cubiculo negro, milhares de frascos, de drogas, de tinas e no meio de tudo sorridente, iluminada, gentil, a mancha duma foto: uma «miss» inglesa, um fio de dentes claros e olhos de cinza.

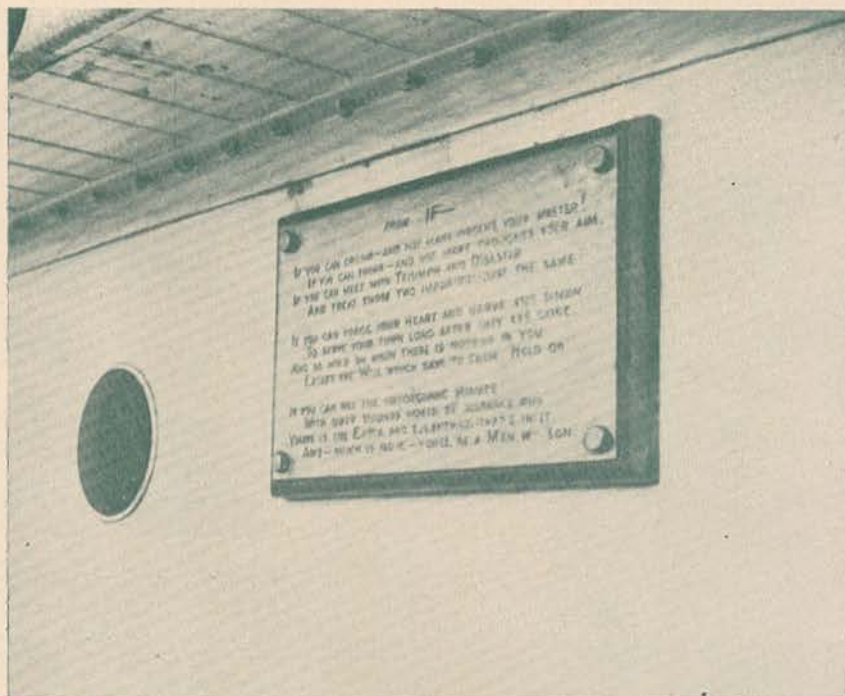


O barco que serviu a Shackleton para a expedição de 1914, retido entre os gelos

Mr. Mason compôs o colarinho, verificou ao espelho a simetria do nó e posou, com a «Mascott»—um gatinho pre-o. Misturado com

se mostra de vez em quando, como um lampejo imprevisito e paradoxal.

Na camara do comandante, surgindo de



A legenda duma aventura

as necessidades brutais de quem vaee lutar sem treguas com o mundo desconhecido, por todo o «Quest»—pratico e sobrio—ha aqui e ali notas daquele lirismo subtil e inglês, que

montes de roupa por entre regadores vazios, escovas de fato, meias velhas, frascos vazios, e latas de conserva—lobriguei, calma e nobre, a Rainha da Grã-Bretanha e imperatriz de todas as Indias.

No proprio convez, entre a porcaria do carvão, as goteiras da chuva e as nodoas da humidade, destacava-se uma placa de marmore onde estes versos sentidos e admiraveis de Dell, embalavam como uma reza aquele «dream» vago e acariciador que anima nas tardes de calmaria como nas noites de tempestade os homens doirados e robustos do «Quest»:



Interior da cabine de instrumentos gloscopticos, que os jornais e magazines Ingêses não puderam fotografar, orgulhando-se a «Ilustração Portuguesa» de dar esta fotografia pela primeira vez

If you can dream-and not make: dream your master
If you can thinch-and not make thoughts your aim,
If you can meet with triumph and disaster
And treat those two impostors just the same

If you can force your heart and nerve and sinen
To serve your turn long after they are cone
And so hold on when there is nothing in your
Except the will which rays to them: «Hold on»

If you can fill the inforgiving minute
With sixty second worth of destancer run
Yours is the earth and everything that in it
And—which is more. You it be a man, my son!



Um tripulante do «Quest»

O rapaz respondeu, muito calmo, quasi sem olhar para mim, e como se tivesse ha muito, preparada para si mesmo, esta resposta:

—O que seria a minha gloria em Inglaterra ao pé da gloria da Inglaterra se eu chegasse ao Polo?...

Nada mais tinha a fazer a bordo do «Quest». Compreendi, já tarde, a minha indiscreção. Eu estava a ser um intruso. Os homens que sonham, gostam de sonhar só. Interromper um sonho é cometer um crime. O sonho na velha frase de Anatole é a verdadeira vida. Sent-me vexado, infantil, pequenino, ao pé dessa creança de dezoito anos, que ao falar da gloria da Inglaterra era quasi do tamanho da Inglaterra. Que fôra eu ali fazer? Ha homens que se não interrogam, que são admiraveis interrogações... Sir. Ernest Shackleton pertence a esse numero.

O HOMEM QUE PASSA

É essa raça heroica e simples dum liri-mo brutal e doloroso, a um tempo humano e divino—que se afunda no «Titanic» em pleno mar, cantando serenamente para o Céu, as mãos erguidas, a alma em prece, o «God Save the Queen»... Our Gracious Queen»...

A raça do sacrificio sublime e tragico do Lord Mayor de Cork—a agonia dos 40 dias—a raça deste sereno e admiravel mr. Shackleton, que não tem vaidades do Mundo, que não sorri para a objectiva, que não endireita a gravata, que não quer ser conhecido...

A' saída, um «boy-scout» inglês, uma madeixa loura sobre a testa, os olhos verdes, o nariz aquilino, encostado ao parapeito do convés, a cara en'errada sob os braços prescrutáva a linha esfumada do horisonte...

Era o companheiro mais novo de Shackleton: 18 anos.

Pareceu-me triste... Perguntei-lhe, num heroico esforço inglês:

—Porque arrisca v. a vida numa viagem destas?

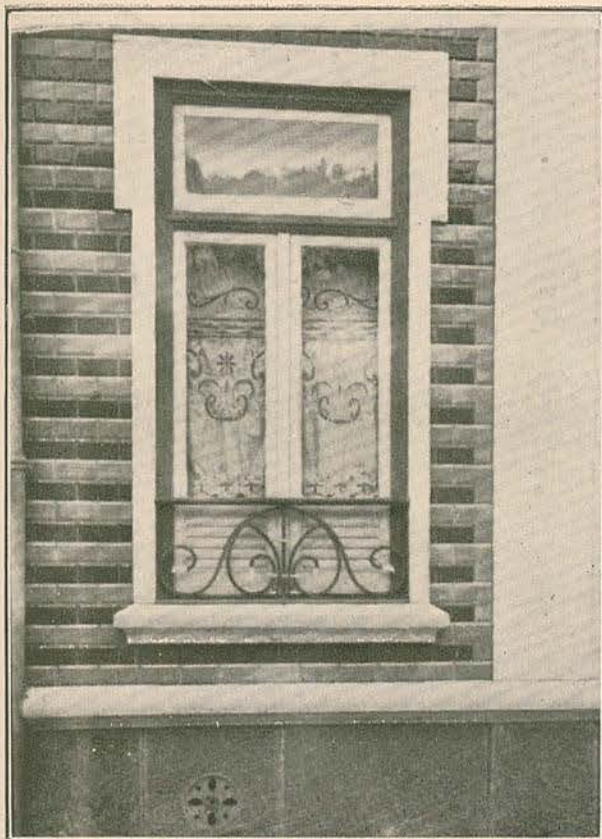


Lampada electrica que dá luz durante milhares de horas

A
DESCOBERTA
DE
LISBOA
No Ano de 1921

I

O BAIRRO CAMÕES



Os prédios teem nas fachadas não sei que vaga tinta de hipocrista

LISBOA está por descobrir. Não a Lisboa assustada que D. Fernando encastou em sete mil passos de muralhas, nem as varias Lisboas que de então para cá se lhe seguiram, mas a Lisboa de hoje, esta Lisboa em que andamos a fingir que vivemos.

Mudaram os tempos, os homens, as casas. Envergonhadas de ter caído tanto, as velhas moradias apalaçadas onde se albergaram dinastias de morgados e se urdiram conjuras, cobriram-se do brilho industrial dos azulejos; — como meninas

de boa familia, levadas para a ribalta pela força das circunstancias, esconderiam o burguezismo dos corpos na scintilação duvidosa das lantejoilas.

A cidade adquiriu novos habitos, creou uma fisionomia nova; e se em certos pontos tem roupas brancas de riscado sob figurinos da «Vogue», noutros as suas casas já falam calão, já se tratam por você, já fumam...

Tentei pois descobrir Lisboa; procurei encontrar-lhe os aspectos ineditos, descobrir-lhe os encantos e as fealdades que ninguém conhece. Quiz ser Capelo e Ivens deste deserto de seiscentos mil habitantes, Pedro Alvares Cabral deste outro Brasil, Brasil que não está em Praça, Brasil que não é Rato escondido...

Foram minhas náus de trez pontes os vehiculos da Carris, bizarmas sollicitas e assustadoras que, bebendo energia e alma de um fio de cobre, acham logico que tambem nós, dentro ou perto delas, tenhamos a vida por um fio.

E quando, ao sabor do acaso, me meti num carro para Gomes Freire, tive pena que não estivesse ali o Almada! Fazia com certeza um belo «pendant» da «Partida de Vasco da Gama para India...

* * *

Os carros de Gomes Freire créaram fama de ser aqueles em que andam mais mulheres bonitas; mas, naquele dia, tinham-se deitado a dormir... Junto de mim, voltava das compras uma creada velha; a dupla boca do seu cabaz demaziado cheio, abria-se num sorriso vasto, com dentes de nabo, e linguas de alface que me lambiam as calças. Ia em frente uma senhora de dimensões excepcionaes, que me fez passar a desdenhar Gomes Freire e o seu tão decantado patriotismo... Para deante, até ao fim do carro, só



O Liceu de Camões

via costas, cachaços, orelhas. É curioso como a altitude das orelhas de um homem que vá a lêr o jornal, despreocupadamente, se conjuga com a côr politica desse homem! Um democratico, de palhinhas, ia mergulhado no «Mundo». Tinha as orelhas muito afastadas da cabeça, quasi perpendiculares, como se erguessem para lêr tambem, para lêr a lista das indemnisações... Mais adiante ia outro, talassa, de côco. Devorava o «Correio da Manhã»; e tinha as orelhas coladas á cabeça, com tendencias para se refugiarem na nuca. Eram orelhas horrorisadas com os cincoenta milhões...

Descei, alturas tantas. Principiava o carro a subir o Conde Redondo, Rua da Sociedade Farmaceutica... Ether, desinfectantes, agua de flôr de laranja, frascinhos de saes... Estava no bairro Camões.

Os predios são modernos, banaes, correctamente alinhados; mas, reparando melhor, teem nas fachadas não sei que vaga tinta de hipocrisia. Uns de linhas rectas, affectam um puritanismo que não convence ninguém; outros enfeitaram-se com um aparato rocóco, que lhes empresta não sei que ar de «coquetterie» barata.

argolas doiradas que se escalónam em varões da mesma côr. Abrigam pacatos «arranjinhos» de conceituados comerciantes... Assistem, pelo avêso, a um amor calmo, sem emoções, feito de habitos; fala-se de cotações entre dois beijos...

Cortinas! Pedacos de «tulle» ou de paninho que as mãos recortam, a que os dedos dão vida, ao sabor das emoções que agitam as almas; cristalizações da brisa que cruza as ruas, nas noites enluaradas de agosto; expressão alegre ou triste, amorosa ou fria, desalentada ou esperançosa, que a alma latente das casas põe nas janelas, os grandes olhos fixos dos predios...

Tomei ao acaso por não sei que rua transversal. — Praça José Fontana, — o que tanto pugnou pela regularisação do trabalho. Nos bancos dormem umas quantas de creaturas na deliciosa embriaguez da ociosidade... magotes de rapazes barulhentos jogam o «jará», com uma alegria convencional. São alunos do Liceu Camões, soberano senhor da Praça, a que preside com a sua corôa mal escondida sob uma panêla de lata. Como parceiro do Liceu, o Matadoiro, muito côradinho com vergonha de estar ali... Ficam



No Bairro Camões as ruas dormem até ao meio dia: deitam-se muito tarde

Ha um pormenor que atraiçoa inevitavelmente aquelas casas todas: — são as cortinas.

Algumas, quasi impalpaveis, dizem na sua elegancia espalhafatosa e recente, todo o ardor de um romance que vae nas primeiras paginas. Cortam-nas entremeios caros, em arabescos variados, em laços, em flores cercando poligonos de «filet» onde esvoaçam anjinhos; entremeios sinuosos, coleantes como enguias, entremeios que são... os caprichos delas. No entanto, as cortinas escondem tudo embora tudo deixem adivinhar; tapam de alto a baixo os vidros, sofregamente, numa ancia de prender, de enclausurar em muralhas de «tulle». São como o ciume deles.

Outras, de prégas pegadas, escondem adulterios antigos, quasi «oficiaes»; estão habituadas a entalar-se nas portas de dentro, se ele pode entrar, a ser mordidas por um alfinete que as arregaça, se deve voltar dahi a bocado, a guardarem uma linha austera, na gravidade inflexivel das suas prégas rectilineas, quando não ha nada a esperar.

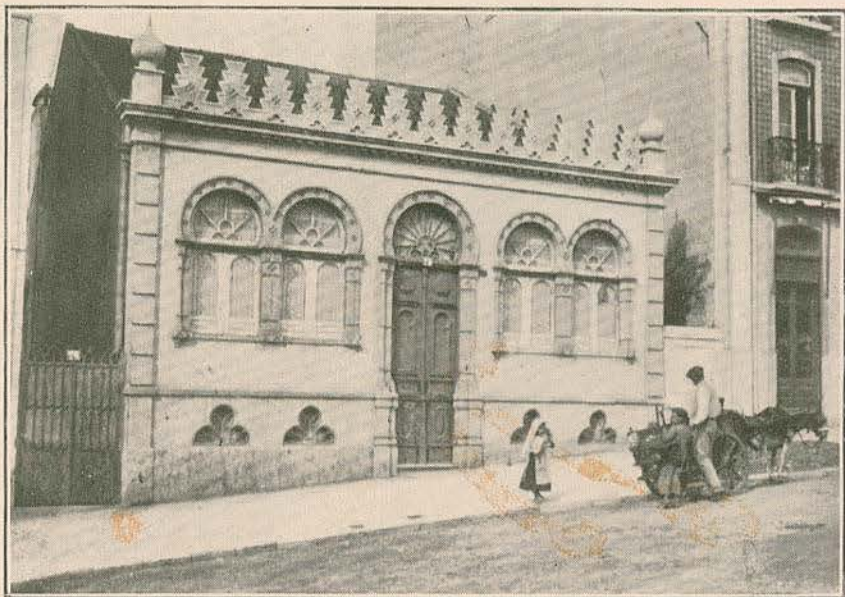
Ha tambem «brise-bises», enfiados em pequenas

bem assim, perto um do outro... São mesmo parecidos. Para ambos entram seres de consciencia embrionaria, sobre os quaes outros seres mais fortes vão usar da sua força; — ha pouca diferenca entre um vitelo, saudoso do prado verde em que nasceu, que muge coleras impotentes contra os seus algozes, e uma creança arrancada aos soldadinhos de chumbo e amarrada cêdo demais ao pelourinho da lei de «Lavoisier». O Matadoiro é um liceu de gado; o liceu é um matadoiro de ingenuidades... E se num, entram animaes e saem carnes, meudos, coisas uteis, para o outro entram «meúdos», entram almas, e saem quasi sempre animaes, ou inuteis.

Nesta altura da minha digressão passou por mim uma mulher nova, de olheiras fundas, palida sob o «rouge», la impeccavelmente vestida de azul escuro. Os sapatos pretos mordiam com um dente unico, constelado de picadas, o peito de uma meia de seda que idealisava o pé. Levava na mão uma bolsa de seda preta onde se alastrava, bordado a contas azues, um grande coração estilizado. Era loira. Pare-

ceu-me triste. Inconscientemente, principiei a seguir-lhe os passos: levou-me por caminhos que eu já trilhara; atravessou o Conde Redondo, meteu pela rua Ferreira Lapa, voltando-se para traz de vez em quando. Ao fundo da rua ha um monte de barro ama-

dade condena. Morreu «o teu amor, e uma cabana»; vive «o teu amor, e o bairro Camões»... Se, na apparencia, não ha nenhum menos camoneano, sabe Deus quantas vezes, na intimidade das alcovas que são as suas celulas, o bairro Camões será um bairro épico



Um prédio estilo Bairro Camões

relento que a faz parecer um beco sem saída; — atrazei o passo, resolvido a disfarçar. O chamado «fim do mez» dura-me geralmente o mez inteiro... E aquele coração que ela mostrava na bolsa, estilizado em contas, fez-me lembrar das contas da modista, do

O bairro Camões é isto; — uma mulher que passa ao longo de ruas bem alinhadas, cujas cortinas confessam o que as fachadas disfarçam; — uma mulher que nos leva atraz de si por uma rua que parece um beco sem saída, e que só deixa de ser porque uma ines-



Uma rua do Bairro Camões, posando para a «Ilustração Portuguesa»

sapateiro, das contas sem conta de uma mulher elegante; aquella bolsa era uma confissão simbolica; ela levava o coração nas mãos... Voltou-se ainda uma vez entrou devagar numa escada, sumiu-se.

O bairro Camões é o bairro do amor que a socie-

perada arteria transversal nos leva subitamente para os electricos, para a vida, a dois passos do paredão de Rilhafoles...

TOMAZ RIBEIRO COLAÇO.



Um acto de coragem



Enigma pitoresco



D. Manuel Alonso, Campeão de Espanha



A cambujo do «Tennis»

(«Clichés» Gárciez)



D. José de Verda, Campeão de Portugal

CAMPEONATO DE TENNIS EM CASCAES

PORTUGAL NO ESTRANGEIRO



O Marquez de Faria

O belo retrato de Sua Santidade Bento XV, que hoje reproduzimos, foi oferecido ao nosso ilustre compatriota marquez de Faria, quando este terminou o seu serviço de Camareiro Secreto de Capa e Espada em S. Pedro do Vaticano. O retrato traz a seguinte dedicatória:

Na vigilia da festa de Santo Antonio, protector nato dos portugueses, renovamos os votos de todas as felicidades ao marquez de Faria e como penhor das graças que, para ele, imploramos ao Senhor, lhe concedemos a benção apostolica, extensiva á familia. Vaticano, em 12 de junho de 1921.

Bento XV

Publicamos tambem o retrato do nosso amigo marquez de Faria, em grande uniforme de camarista Secreto de Capa e Espada de Sua Santidade, e um grupo tirado na Republica de S. Marino, onde figura aquele nosso amigo e Suas Ex.^{as} os capitães regentes D. Marino della Balda, D. Vincenzo Francosi, e os srs. D. Frederico Gosi, director da Biblioteca Nacional de S. Marino, e D. Egisto Morri,



SUA SANTIDADE BENTO XV



*Alla vigilia della festa di S. Antonio, protettore nato d'esso portoghese,
rinnochiemo l'augurio d'ogni bene al M^{re} Antonio Da Faria
e come segno delle grazie che per lui imploriamo dal Signore
gli impartiamo la benedizione apostolica, estensibile alla famiglia.*

Dal Vaticano 12 Giugno 1921

Benedictus P. XV



DAS ALTAS MONTANHAS

E se aquelas montanhas eu subisse?
De lá, o meu olhar que abrangeria?
~ Assim pensava eu... ~ E, nesse dia,
Enchi de sombra a minha meninice!

Depois, serra que, ao longe, descobrisse,
Impresistivelmente me atraia;
E o que a sonhar, para além d'ella via
Talvez com o Ceu, apenas se medisse!

Negros montes, num extase profundo!
~ Eu pensava que em vós findava o mundo.
Findava este arraial que tumultua!....

Mas para além de vós, se vos galgamos,
Nôz vemos terra igual à que pisamos...
~ A Dôr que nos rodeia continua!

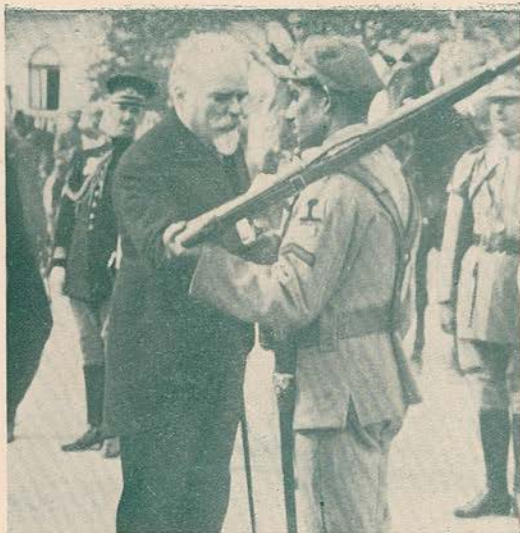
O ACONTECIMENTO DA SEMANA



O sr. ministro da guerra empunhando a bandeira oferecida ao exercito portugûes
pela colonia portuguesa residente no Brasil

(«Cljchês Salgado)

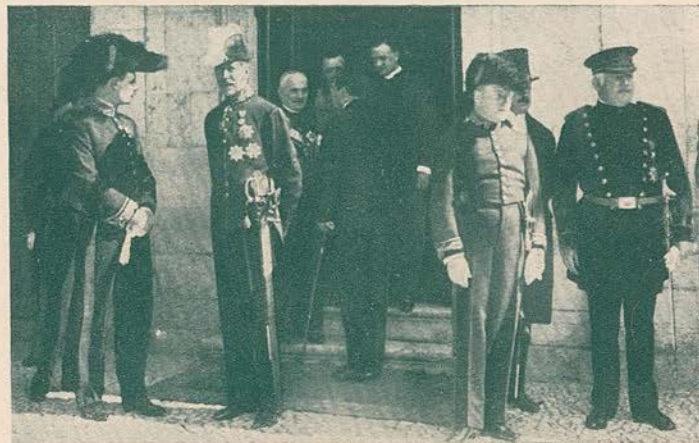
Ô ANIVERSARIO DA REPUBLICA



1. Na parada militar. O sr. Presidente da Republica condecorando um cabo do exercito

2. O sr. Presidente da Republica regressando da parada, com o sr. dr. Antonio Granjo

3. Em Belem. A recepção ao corpo diplomatico



4. O sr. dr. Antonio Granjo discursando no cemiterio Oriental, junto das campas das victimas da revoluçao de 5 de Outubro

(«Clichés»
de
Salgado)





Salomé com a cabeça de S. João (Rottscell)

SALOMÉ!... Um nome de mulher. Um nome de dançarina.

Mas nome de mulher e dançarina que condensa um mundo; mundo ameaçador de graças e de perigos; um mundo deslumbrante e abominável, cruel e redentor, pecaminoso e virginal.

Talvez se não possa citar exemplo de outra figura da sua sedução. É inconcebível de poder sugestivo, de continua atracção.

Nenhuma das grandes amorosas da historia, nem Helena, nem Cleópatra, exerceu o seu enlevo sobre uma tão diversa inconciliável «tribu» de admiradores.

Essa virgem louca, esse botão de mulher, que, num dia ardiloso bailou de surpresa numa sala de judaico festim, obtendo como paga da sua agilidade a vida de um prisioneiro, representa o mais estranho caso póstumo de fascinação que se conhece.

Da Galilea sagrada, onde os lírios disputaram em pureza ás parábolas do Messias, o seu fantasma ritmico ergue-se inolvidável. Ergue-se irresistível, e caminha, gracioso, victorioso, capitoso, através dos tempos, encandeando o olhar das gerações.

Ha, nessa jornada sem cabo, uma força de sortilegio, difficil se não impossível de explicar.

Por que maleficio, por que desvaire, a sua beleza homicida, a sua letal magia, lhe concitam as atenções dos espiritos menos análogos?

No seu amavioso percurso, abrem-se-lhe, de par em par, as portas das igrejas, das basilicas, dos conventos. Franqueiam-se-lhe os «ateliers». Convidam-na os museus. Saudam-na as rimas. Hospeda-a o teatro. A musica acomitiva-a. Os livros dão-lhe guarida extrema. Resplandece nos vitrais. Brinca nas iluminuras. Insinua-se nas tapeçarias. Brilha no azulejo.

Entre as máximas inspiradoras, primacia ella, a princesa baladina, cujos pés, quentes de dançar, estão salpicados de sangue.

Vive nas táboas e nos painéis. Revive na pedra e no lenho. Pervive no mosaico. Transvive nos poemas.

Sem ser santa, chegou aos altares. Criminosa, mereceu as honras da prata, do ouro e do minio. Móra em todas as historias sagradas.

E modernamente, quantas bailarinas não tem pertendido reincarná-la com seus membros freneticos ou compassados?

E' côr, verso, som, fôrma, cadencia, plenitude. Nenhuma arte a desampara. Ninguem a vence no encantamento.

Pois que outra se ufana de reunir na sua côrte copiosa os pintores da espiritualidade mais pura, um Giotto, um Ghirlandaio, um Puvis de Chavannes, e os pintores mais sensuais do esplendor, Tiziano, Rubens, Tiepolo, Rochegrosse?

Qual a que, como ella, se impôs, concorde, aos dispares feitos de um Donatello, de um Mino da Fiesole, e de tantos outros escultores antigos ou modernos?

Os místicos mais austeros e os pagãos mais entusiastas são seus crentes. O atormentado Huysmans, o sibilino Mallarmé, Flaubert o opulento, Wilde o requintado, Jean Lorrain, Heine, Eugenio de Castro, Laforgue, Apollinaire, outros, e muitos, de contraditória tempera, preiteiam-na, exalçam-na, esforçam-se por esclarecer o segredo dessa esfinge dançante.

Cedendo a cada um uma sua nova visão, ella, omnimoda, reserva aos que vêm depois outra visão nova. Multiplica-se em si mesma.

Na *Hérodíade* de Mallarmé, a ama de Salomé interroga: — «Vives? Ou estou vendo uma sombra de princesa?»

Salomé é, na verdade, uma sombra polimorfa e desvairadora, que cada qual pôde interpretar ao sabor da sua paixão ou do seu capricho.

Uma sombra reverberante, opalescente, que cambia e muda de espirito para espirito, como um corpo astral sujeito ás vicissitudes da treva e do fulgor.

Desenhando-a vestida de arlequim, de mascara no rosto, arrependo uma cabeça medusíma, Ciolkowski chamou-lhe «A minha Salomé». E disse a verdade, porque a «Salomé dos cem aspectos» de Gabriel Mourey não é só uma, mas mil.

Albert Samain dí-la:

*Mortelle à voir, av c ses yeux diamantins,
Aux pourpres d'un couchant cruel, sus les portiques.*

Encorporando-a nas suas «Princesas», Théodore de Banville louva-lhe a puerilidade:

*Elle rit et folâtre avec un air badin,
Laisant de sa jeunesse eclater les merveilles.*

Stéphane Mallarmé, no já citado poema, que Remy de Gourmond considerava «o mais puro e transpa-



Moreau. A aparição.
Quadro existente no Museu de Luxemburgo

rente da língua francesa», atribue-lhe nervóticas preocupações:

*Je me crois seule en «a monotone patrie
Et tout, autour de moi, rit dans l'idolatrie
L'un mi oir qui reflète en son calme dormant
Hérodiade au clair regard de diamant...
O' charme dernier, oui! Je le veux, Je suis seule.*

Eugenio de Castro, cuja Salomé é das mais puras, porque das mais jovens, vestiu-a com todos os seus esmeros de lavrante:

*Como resplende a filha de Hérodiade,
Do seu jardim entre as vermelhas flores!
Corre por toda ela um suor de pedrarias,
Um murmurar de côres...
Sua faustosa túnica esplendente
É uma tard- de triunfo: em funão côr de brasas,
Combatem fulvoemente
Irraiantes tropel- d'aureos dragões com asas*

A Salomé da realidade é pouco menos que uma nebulosa. A sua história autentica cabe em algumas linhas. Isso lhe empresta, para o sonho, excelsos predicados.

São Mateus limita-se a indicar: — «No dia dos anos de Herodes, dançou a filha de Herodias em publico e agradou a Herodes.

«Em vista do que, prometeu, sob juramento, dar-lhe o que ela lhe pedisse.

«Induiriada pela mãe: Dá-me, rogou, neste prato, a cabeça de João Baptista.

«E o rei ficou triste. Por causa do juramento, porém, e dos que com ele se banquetearam, ordenou que lhe fosse dada.

«Mandou um emissario, que degolou João no carcere.

«E trouxe num prato a cabeça á donzela, que a levou á mãe».

A versão de São Marcos, mais literaria, pouco acrescenta. A Biblia não diz sequer como se chamava a enteada de Herodes. E' apenas «a filha de Herodias».

Nas *Antiguidades Judaicas* de Flavius Joseph, vem pela primeira vez o nome fascinador, usado por outras mulheres da sua raça, mas destinado a eclipsar todas: Salomé.

Existe um texto copia, fragmento, ao que parece, de um evangelho apócrifo, onde tambem figura o nome de Salomé.

Ai se diz que a filha de Herodias possuía todas as astucias e meios de seduções; que a dança se executou na madrugada do segundo dia do mês de Abril; que a bailarina tinha na mão um livro encarnado; que lhe prendia os cabelos uma serpente de ouro; que vestia uma túnica de dança, semeada de flores, sobre uns calções escarlates; que não só dançara e saltara de mil maneiras, mas cantara hinos harmoniosos.

Seria assim? Não fico pela autenticidade do documento. Afirma-se que casou duas vezes: a primeira com Filipe, irmão do seu avô; a segunda com Aristóbulo. Diz-se até que teve tres filhos.

O enigma da sua vida prolonga-se na sua morte. Nicéforo conta que, passando no inverno, no inverno da terra e da existencia, aos cincoenta e quatro anos, por um lago gelado, a neve se fendeu e a tragára até á garganta, separando-lhe a cabeça do tronco, como, por sua intervenção, sucedera ao santo.

Nesse successo se baseia o episodio da sua ultima dança. Para uns, o gelo teria cedido sob os passos com que, tentando aquecer-se, memorava o banquete mortuário. Querem outros que, ao sentir faltar-lhe o terreno, procurasse livrar-se do perigo, tornando-se, pela dança, leve como outrora.

Salomé, que, bailando, determinára a morte, teria assim morrido a dançar, vendo-lhe a brancura álgida da neve como o ultimo dos seus sete véus.

MANUEL DE SOUSA PINTO



G. Buslere—Salomé (Salon de 1914)

O
 ESCULTOR
 DIOGO
 DE
 MACEDO



E O
 SEU ALBUM
 DE
 DESENHOS
 SOBRE
 PORTUGAL

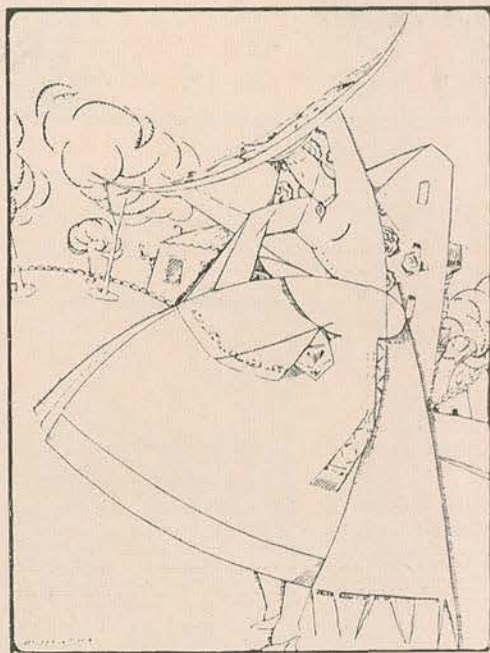
A capa do Album

Diogo de Macedo, escultor-poeta, em cujas «maquettes ha esboços de poemas, artista que vive no estrangeiro com o fim premeditado de ter saudades da patria, está editando em Paris um album de desenhos sobre Portugal, este Portugal que a distancia estilisa, o Portugal das varinas, dos campinos, das

nos desenhos deste escultor, um grande sentimento de raça, uma subida compreensão da alma deste povo, da alma que se t aduz sempre nas linhas do corpo. O album de Diogo de Macedo vai dar aos estrangeiros uma ideia justa de Portugal, deste Portugal que só de longe pode ser surpreendido. A tragedia



Um camponez



Uma varina

ceifeiras, das mulheres de chale que vendem castanhas pelos portais, o Portugal das cidades infantis, das cidades em castelos de cartas. A «Ilustração Portuguesa», dentro do seu programa nacionalista, dá hoje algumas reproduções ineditas do Album de Diogo de Macedo, obra dum portuguez e dum artista. Ha

diaria da nossa raça, não nos permite olhar, não nos permite olhar para nós próprios, não consente que reparemos, a valer, na nossa patria, que vejamos como ela é estilizada, como ela se alonga em sonho... Diogo de Macedo quiz ver Portugal. Para isso foi a Paris, para isso fugiu dos bastidores. Nos

desenhos do Artista, como ao primeiro olhar pode parecer, não ha extravagancias, não ha excessivos modernismos. Bem ao contrario, a sua Arte é feita de tradição, uma Arte que vive no Presente mas que tem saudades do Passado... O Album de Diogo de Macedo,

que a escultura é a Arte de mais difícil nacionalização. A escultura não se prende com detalhes, não se detem na raça, vai aos sentimentos, vai ás linhas gerais da Humanidade. Entretanto, Portugal presta se a ser esculpido, porque Portugal é um grande Sentimento.



Uma celfeira



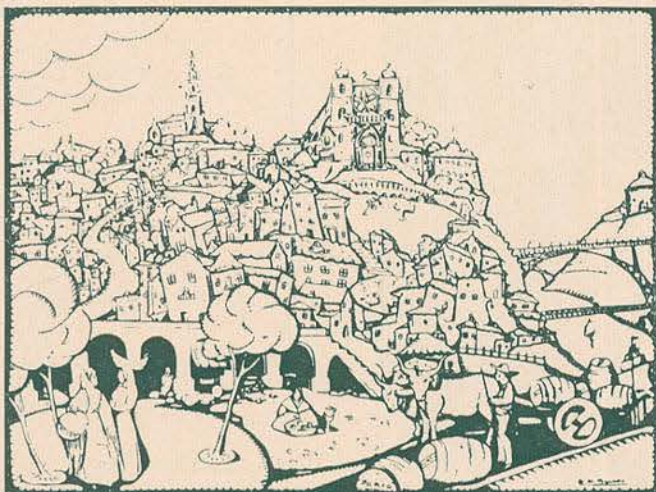
A mulher das castanhas

está destinado a um grande exíto. São raras, entre nós, as tentativas deste genero. A graça,

o encanto deste Portugal policromo, está por descobrir. O livro de Diogo de Macedo é um passo nesse sentido. O seu album merece a atenção de todos os portugueses, merece o carinho de todos aqueles que anseiam por fixar a raça, por lhe dar expressão, por lhe dar movimento, por lhe dar ritmo. Pena é que Diogo de Macedo, não continue, em

marmore, a obra iniciada neste album. É certo

Esculturar a Saudade, por exemplo, é esculturar a Raça, esta raça de poetas e de santos.



Uma Impressão do Porto

relato duma conversa que o distinto escultor teve com Henri Bernstein, em Biarritz.

OS "JOCKEYS"

das corridas de cavalos realizadas em Cascais



De'fim Mala



Lulz Margaride



Eça de Quelroz



Filipe de Vilhena



Antonio Gomes



Castelo Mendo



Luzignan



Sousa Coutinho



Helder Martins



Morais Sarmiento



J. J. Morais



Salgado



Buceta Martins



J. Alcobla



Ivens Perçaz



Manuel Gomes



Viriato Gabrielta



Barroso da Camara



Sebastião Pombal

(«Clíchês» Garcez).